

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2022 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p>http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2022.1.38216</p>	

SEÇÃO: ARTIGO

Devolução dos resultados de pesquisa em psicologia para os respectivos participantes

Return of results from brazilian researches in psychology to research participants
Devolución de resultados de investigadores en psicología brasileños para los encuestados

Jean Von Hohendorff¹

orcid.org/0000-0002-7414-5312
jhohendorff@gmail.com

Naiana Dapieve Patias²

orcid.org/0000-0001-9285-9602
naipatias@hotmail.com

Icaro Bonamigo

Gaspodini³

orcid.org/0000-0003-4177-4734
icaroicaro@gmail.com

Lisiane Bizarro⁴

orcid.org/0000-0003-3070-5944
lisiane.bizarro@ufrgs.br

Recebido em: 19 maio 2020.

Aprovado em: 23 out. 2020.

Publicado em: 23 maio 2022.

Resumo: A devolução de resultados para participantes é um dever ético em pesquisa. Objetivou-se identificar as práticas adotadas pelas(os) pesquisadoras(es) brasileiras(os) em psicologia para devolução dos resultados de pesquisa para as(os) respectivas(os) participantes. Realizou-se uma pesquisa online, da qual participaram 68 pesquisadoras(es) brasileiros em psicologia. As(os) participantes tinham entre 32 e 73 anos (M = 49,8; DP = 11,5), 62% eram mulheres, com tempo médio de formação desde o doutorado de 14,3 anos (DP = 9,6). 43% das(os) participantes respondeu que frequentemente realizava alguma prática de devolução, presencial ou coletiva, por meio de cursos de extensão, capacitações e palestras. Praticar a devolução de resultados de pesquisa em psicologia pode motivar a colaboração em pesquisas, além de fazer cumprir um direito dos participantes.

Palavras-chave: psicologia, ética em pesquisa, comunicação e divulgação científica, tradução de conhecimento, validade de impacto

Abstract: Although the return of results to participants is an important ethical issue in research, little is known on how Brazilian researchers in Psychology perform these practices. The objective of this article was to identify practices adopted by Brazilian researchers in Psychology to return research results to their respective participants. For this online cross-sectional study, we created a specific questionnaire, which was answered by 68 researchers in Psychology who were leaders of research groups listed in CNPq's Research Groups Directory, for at least 1 year. Participants ranged from 32 to 73 years old (M = 49,8; SD= 11,5), 62% were women, and, in average, they have been working after doctorate for 14,3 years (SD = 9,6). 43% of participants reported frequently performing some form of devolution of results, mainly collective face-to-face practices, such as extension courses, trainings, or lectures. We conclude on the necessity of return of results practices in Psychology. When sharing results with people who were involved in researches, besides conforming with ethical principles, researchers may motivate participants to continue collaborating with research development.

Keywords: psychology, research ethics, research communication and disclosure, knowledge translation, impact validity

Resumen: Devolver resultados a los participantes es un deber ético en la investigación. El objetivo fue identificar las prácticas adoptadas por los investigadores brasileños en Psicología para transmitir los resultados de la investigación a los respectivos encuestados. Se realizó una encuesta en línea, en la que participaron 68 investigadores en Psicología brasileños. Los participantes tenían entre 32 y 73 años (M = 49,8; DT = 11,5), el 62% eran mujeres, con un tiempo promedio desde el



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Faculdade Meridional (IMED), Passo Fundo, RS, Brasil

² Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil

³ Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil

término del doctorado de 14,3 años (DT = 9,6). El 43% de los participantes respondieron que frecuentemente realizaban alguna práctica de retorno. Las devoluciones presenciales y colectivas a través de cursos de extensión, capacitación y conferencias fueron las principales prácticas indicadas. Se concluye que es necesaria una mayor discusión sobre las prácticas de devolución en Psicología. Al compartir los resultados de la investigación con los involucrados en ella, además de cumplir con un deber ético, es posible motivar a los participantes a continuar colaborando con el desarrollo de investigaciones.

Palabras clave: psicología, ética en la investigación, comunicación y divulgación científica, traducción del conocimiento, validez del impacto

O Brasil ocupa a 13ª posição no ranking mundial de produção de artigos revisados por pares. Embora abaixo da média mundial (1.0), o fator de impacto das citações das pesquisas brasileiras cresceu 15% nos últimos seis anos (0.73 em 2011 e 0.86 em 2016) (Cross et al., 2017). Embora as métricas de publicação sejam importantes para avaliação da pesquisa, é necessária a análise de outros aspectos. De acordo com Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (2016), pesquisadores devem ter "empenho na ampliação e consolidação da democracia por meio da socialização da produção de conhecimento resultante da pesquisa, inclusive em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada", sendo este um princípio ético na realização de pesquisas. Ainda que seja um princípio ético, pouco ainda se sabe sobre práticas de devolução de resultados de pesquisas brasileiras em psicologia às populações que foram pesquisadas. A etapa de devolução de resultados de pesquisas não costuma ser incluída nos artigos derivados de tais pesquisas. Questiona-se, portanto, se esta etapa é realizada e, em caso afirmativo, como é realizada.

Ao finalizar uma investigação científica, pesquisadores buscam compartilhar os resultados em periódicos revisados por pares. É dessa forma que objetivam disseminar o conhecimento adquirido, contribuindo para a área na qual a investigação está inserida. A quantidade e o impacto das publicações em revistas científicas estão entre os principais critérios de avaliação dos pesquisadores. No entanto, essa forma de avaliação vem sendo alvo de críticas. Por exemplo,

o Manifesto Leiden (Hicks et al., 2015) indica 10 princípios para a avaliação de pesquisas. O que se pretende com esse manifesto é chamar atenção para o uso único de métricas quantitativas que acabam não contemplando pesquisas que possuem relevância local. Além do impacto acadêmico, tem sido proposto que as decisões dos pesquisadores em relação ao potencial de suas pesquisas para mudanças sociais e econômicas seja também considerado. Para considerar esse potencial, foi proposto o conceito de "validade de impacto", que é o quanto os resultados de pesquisa são traduzíveis, motivadores e influenciadores do público para um benefício social ou de engajamento em uma política pública (Massey & Barreras, 2013).

Nem sempre um tema de pesquisa é de interesse global. Pesquisas em ciências humanas e sociais, por exemplo, têm a peculiaridade de abordar assuntos de relevância local (Hicks et al., 2015). Além da relevância local da pesquisa realizada, é preciso atenção ao modo como os participantes terão acesso aos seus resultados, pois isso pode aumentar a validade de impacto. O retorno dos resultados aos participantes da pesquisa parece ainda não ser prática comum entre pesquisadores. Ocorre, muitas vezes, um "caráter utilitarista" (Lordello & Oliveira, 2012, p. 268) durante a realização da pesquisa. Essa expressão significa que os pesquisadores consideram os locais de coleta somente quando querem realizá-la, sem retornar após sua conclusão para compartilhar o que aprenderam por meio da pesquisa.

Além disso, ao não dividir os resultados da pesquisa de forma compreensível, ocorre o "encastelamento da academia" (Hohendorff et al., 2017, p. 152), ou seja, os resultados são divulgados apenas entre a comunidade científica.

Nas últimas décadas, uma ênfase maior tem sido dada à tradução do conhecimento (Knowledge Translation, KT), especialmente nas ciências da saúde e na psicologia, nas quais as pesquisas recebem financiamento público e há uma expectativa de que esse investimento seja revertido em favor da saúde dos cidadãos. Iniciativas de

KT podem envolver uma ampla variedade de atividades como publicações acadêmicas, interações de cientistas com a mídia, uso da arte para disseminar dados, intervenções clínicas ou sociais, sítios de internet informativos, manuais, cursos etc. não somente para devolver resultados, mas, muitas vezes, para engajar o público a participar da pesquisa (Granek & Nakash, 2016).

Artigos científicos nacionais específicos sobre devolução de resultados de pesquisas em psicologia às populações que foram pesquisadas são escassos. Em uma nota técnica, o processo de devolução dos resultados de uma pesquisa de adaptação de instrumento para o contexto brasileiro foi descrito por Cassepp-Borges (2009). Os resultados foram compartilhados com os participantes do estudo por meio de correio eletrônico. Embora, à época da publicação, a devolução de resultados de pesquisas às populações que foram pesquisadas não fosse obrigatória, foi enfatizado o quanto tal prática aproxima pesquisadores dos participantes da pesquisa, sobretudo em pesquisas quantitativas com amostras grandes. A prática de devolução foi considerada uma forma de retribuição pela participação na pesquisa que deve ser considerada uma parte da pesquisa. O procedimento adotado (i.e., envio de correio eletrônico com os resultados individuais da pesquisa) foi considerado uma forma simples de se compartilhar os resultados da pesquisa podendo ser adotado por outros pesquisadores tendo em vista que "o pesquisador brasileiro não vem devolvendo seus resultados de pesquisas com grande número de sujeitos, e a simplificação deste procedimento pode ser uma alternativa para reverter esta realidade" (Cassepp-Borges, 2009, p. 150).

Outro exemplo de devolução de resultados é referente a uma pesquisa desenvolvida por psicólogos com participação de enfermeiros, tendo como foco a investigação de questões relacionadas à saúde do(a) trabalhador(a) (Pessanha et al., 2013). A devolução foi realizada, inicialmente, por meio de folhetos nominais e individuais com os principais resultados. Diante da constatação que tal forma não permitia discussão ampliada

dos resultados, as pesquisadoras optaram pela realização de encontros grupais de discussão dos resultados com os participantes. Para tal, os resultados da pesquisa foram apresentados em gráficos, disponibilizados ao grupo durante os encontros. A abordagem dos resultados da pesquisa partiu do levantamento de interesse prévio dos participantes visando incentivar a participação durante os encontros. Mesmo com essa tradução de conhecimento, os participantes não interagiram conforme esperado. Após os encontros de discussão, relatórios foram feitos com as principais questões levantadas pelos participantes acerca de sua saúde no trabalho e encaminhadas à chefia de enfermagem. O objetivo foi o de fomentar possíveis ações para a melhoria da saúde dos trabalhadores. Foi constatado que a etapa de devolução dos resultados pode contribuir para o melhor entendimento dos resultados, uma vez que estes são discutidos com os participantes. O engajamento de participantes é uma parte importante do processo de tradução do conhecimento e pode ajudar a maximizar a validade de impacto (Hagger-Johnson et al., 2013).

O processo de construção de parcerias com a rede de atendimento às crianças e aos adolescentes vítimas de violência sexual para a coleta de dados foi apresentado e avaliado em um artigo de Hohendorff et al. (2017). O passo a passo para a realização das parcerias com os profissionais que realizaram a coleta de dados com meninos vítimas de violência sexual foi descrito e avaliado por meio de entrevistas com esses profissionais. Quando questionados sobre a finalização da parceria, os profissionais relataram desejar ter acessos aos resultados da pesquisa e que fosse realizada uma discussão desses resultados com as equipes dos serviços parceiros indicando, portanto, a necessidade de se planejar tal etapa na realização de pesquisas. O retorno ao local de coleta de dados para a divulgação dos resultados da pesquisa evita que parceiros na realização da pesquisa tenham a percepção de que a parceria teve um "caráter utilitarista" (Lordello & Oliveira, 2012, p. 268).

A Resolução n. 510/2016, do Conselho Nacional

de Saúde, indica que o acesso aos resultados da pesquisa deve ser garantido pelos pesquisadores aos participantes. Diante disso, questiona-se: pesquisadores brasileiros em psicologia têm garantido o acesso aos resultados das pesquisas aos seus participantes? Ainda: quais formas de divulgação dos resultados de pesquisas aos participantes têm sido utilizadas pelos pesquisadores brasileiros em psicologia? Diante do exposto, o presente estudo buscou identificar as práticas adotadas pelas(os) pesquisadoras(es) brasileiras(os) em psicologia para devolução dos resultados de pesquisa para as(os) respectivas(os) participantes. Especificamente, buscou-se compreender a frequência de formas gerais de devolução, de planejamento prévio da devolução, de requisição de devolução por parte dos participantes e de formas e tipos de devolução. Além disso, pretendeu-se categorizar as formas e tipos de devolução e analisar possíveis associações entre práticas de devolução (planejamento, frequência, presencial ou a distância), tempo de formação, de atuação como pesquisador(a) e tipo de instituição.

Método

Delineamento

Estudo quantitativo, de levantamento de dados ou survey, transversal (Creswell, 2010).

Participantes

O formulário de coleta de dados ficou disponível durante um ano, sendo enviado para mais de 1000 pesquisadoras(es), por e-mail, além de realizadas divulgações em redes sociais. No entanto, apenas um total de 78 pesquisadoras(es) responderam à pesquisa. Destes, sete não possuíam doutorado e três eram líderes de grupos de pesquisa há menos de um ano, não contemplando os critérios de inclusão de ser doutor(a) e líder de grupo de pesquisa cadastrado no CNPq

há, pelo menos, um ano. Sendo assim, a amostra final foi de 68 pesquisadoras(es) brasileiras(os) em psicologia, com idades entre 32 a 73 anos (M= 49,8; DP= 11,5), 62% mulheres, com tempo médio de formação desde o doutorado de 14,3 anos (DP = 9,6), amostradas(os) por conveniência. A maior parte (64%) das(os) pesquisadoras(os) cursou pós-doutorado, seguido de 32% unicamente doutores e 4% livre docência.

A Instituição de Ensino Superior (IES) do qual o(a) pesquisador(a) possui vínculo foi, em sua maioria, Federal (58%), seguida de IES Privada (25%), Estadual (10%) e, por fim, Comunitária (7%), situadas, em sua maioria, no Sul do país (40%), seguida da região Sudeste (29%), Nordeste (21%), Norte (6%) e Centro-oeste (4%). Todos(as) participantes eram líderes de grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) há, pelo menos, 1 ano sendo que 48% das(os) pesquisadoras(es) liderava o seu grupo há mais de 10 anos, seguido por 31% que liderava o grupo há menos de 2 anos.

Os principais temas de pesquisa das(os) pesquisadoras(es) foram categorizados conforme as áreas do CNPq, a saber: (1) Fundamentos e medidas da psicologia; (2) Psicologia experimental; (3) Psicologia fisiológica; (4) Psicologia comparativa; (5) Psicologia social; (6) Psicologia cognitiva; (7) Psicologia do desenvolvimento humano; (8) Psicologia do Ensino e da Aprendizagem; (9) Psicologia do Trabalho e Organizacional; e (10) Tratamento e Prevenção Psicológica. A principal área considerada foi a primeira descrita pelo(a) pesquisador(a). A categorização foi realizada por dois dos autores do presente artigo sendo que um terceiro autor foi juiz nos casos em que houve discordâncias acerca da categorização. Quando o tema não foi categorizado em nenhuma das 10 categorias, colocou-se em (11) Outra/s. A Tabela 1 indica a frequência dos temas/áreas dos 68 respondentes.

Tabela 1 – Frequência dos temas/área de pesquisa

Tema/área	Porcentagem	Frequência
Tratamento e prevenção psicológica	23,5%	16
Outra(o)	14,7%	10
Psicologia do trabalho e organizacional	13,2%	9
Fundamentos e Medidas da Psicologia	13,2%	9
Psicologia do ensino e da aprendizagem	11,8%	8
Psicologia do desenvolvimento humano	11,8%	8
Psicologia social	4,4%	3
Psicologia fisiológica	4,4%	3
Psicologia experimental	1,5%	1
Psicologia cognitiva	1,5%	1

Os principais métodos de pesquisa empregados pelas(os) pesquisadoras(es) foram categorizados segundo a descrição do(a) pesquisador(a). Sendo assim, foram construídas cinco categorias de forma a contemplar todas as descrições das(os) participantes. Quando foi identificado pelo(a) pesquisador(a) "método quantitativo" ou o delineamento que se associa aos métodos quantitativos (e.g., estudos correlacionais, estudo experimentais, métodos quantitativos), foi categorizado em (1) somente métodos quantitativos. Por sua vez, quando pesquisadores(as) indicaram "métodos qualitativos" ou delineamentos que se associam aos métodos qualitativos (e.g., fenomenologia, etnografia, histórias de vida), categorizou-se em (2) somente métodos qualitativos. No entanto, quando pesquisadores(as) descreveram "métodos qualitativos e quantitativos", foram categorizados em (3) métodos qualitativos e quantitativos. Já os(as) pesquisadores(as) que referiram utilizar métodos "mistos ou multimétodos", foram categorizados em (4) métodos mistos. Por fim, aqueles que não especificaram ou que colocaram um delineamento que poderia estar relacionado tanto a métodos quantitativos, qualitativos ou misto (e.g., estudo de casos), ou indicaram método de coleta de informações (e.g., uso de questionários) ou de análise (e.g., análise de conteúdo), foram categorizados em (5) outro (não especificado). As(os) pesquisadoras(es) da amostra utilizam, em sua maioria, somente métodos quantitativos (29%), seguidos dos que uti-

lizam métodos qualitativos e quantitativos (28%), somente métodos qualitativos (24%), métodos mistos (5%), outro/s (não especificado – 14%). Dentre os não especificados, surgiram descrições de histórias de vida, pesquisa ação, entrevistas etc.

Instrumentos

Questionários sociodemográfico. Instrumento elaborado para uso nesta pesquisa. Consistiu em um questionário com questões para caracterização dos participantes (e.g., idade, vinculação institucional, tema de estudo).

Questionário sobre práticas de divulgação de resultados de pesquisas. Instrumento elaborado para uso nesta pesquisa. Consistiu em um questionário fechado com questões relacionadas à devolução de resultados de pesquisas para os participantes e comunidade em geral; se houve devolução, como foi planejada e realizada etc. Ao final do questionário, foi realizada uma pergunta aberta: descreva a prática de devolução de resultados mais utilizada pelo seu grupo de pesquisa.

Procedimentos

Após aprovação do Comitê de Ética, os autores do projeto divulgaram a pesquisa entre os seus contatos, por e-mail e via redes sociais, convidando aqueles que preenchem os critérios de inclusão para participação na pesquisa. Um flyer com informações sobre o estudo e um convite à participação foi divulgado nas redes sociais dos autores desta pesquisa. Além disso,

foram acessados os websites dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) no País, coletando-se os endereços de e-mails dos seus respectivos professores pesquisadores. Quando disponível, o endereço de e-mail de cada professor(a) pesquisador(a) foi coletado e um e-mail individual (cerca de 945) enviado com o convite à participação na pesquisa. Além disso, houve a coleta de e-mail dos PPGPs (cerca de 70), solicitando o encaminhamento aos professores pesquisadores. O envio dos e-mails ocorreu por meio de uma conta específica criada para este fim. Além disso, o convite à pesquisa foi divulgado pela Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP) em um dos seus boletins enviados eletronicamente aos seus sócios. Foi solicitado que cada participante indicasse colegas pesquisadores que potencialmente preenchessem os critérios de inclusão, ou seja, foi utilizada a técnica "bola de neve" (Vinuto, 2014). A participação na pesquisa ocorreu mediante acesso ao link, no qual foram disponibilizados os instrumentos de coleta de dados descritos anteriormente. Tais instrumentos foram disponibilizados na plataforma Google Forms. O link ficou disponível para a coleta de dados durante o período de um ano, entre setembro de 2018 e setembro de 2019.

Análise de dados

As análises das questões dos questionários foram realizadas por meio do software Statistical Package Social Sciences (SPSS) versão 23.0. Análises descritivas envolveram: (1) frequência de formas gerais de devolução; (2) frequência de planejamento prévio da devolução; (3) frequência de requisição de devolução por parte dos participantes; (4) frequência de formas e tipos de devolução; e (5) categorização de formas e tipos de devolução.

Inicialmente, foram utilizadas estatísticas descritivas como médias e desvios-padrão e frequência para as variáveis de caracterização dos participantes, bem como para identificar as áreas/temas de pesquisa, métodos empregados e, também, para quantificar as práticas de divulgação dos resultados de pesquisa. O teste de associa-

ção (X²) foi realizado com o intuito de verificar se práticas de devolução (planejamento, frequência, tipo de prática – presencial ou a distância –, se envolve participantes), tempo de formação e tipo de IES. Para a pergunta aberta, em um primeiro momento, organizou-se as respostas em uma planilha de Excel e categorizou-se de forma que respostas semelhantes fossem agrupadas. Optou-se pela descrição das respostas para que o material pudesse não passar pela interpretação dos pesquisadores do presente estudo e ser o mais fiel possível.

Resultados

Os resultados das análises descritivas serão apresentados na ordem do questionário. Em seguida, serão apresentados os resultados das análises de associação. No que diz respeito às práticas de devolução de pesquisa, a seguinte questão foi levantada: "com que frequência o seu grupo de pesquisa faz devolução dos resultados para os participantes?". As respostas indicaram que a maioria "frequentemente" (43%) faz devolução, seguido de "sempre" (32%), "às vezes" (20%) e "nunca" (5%). A respeito da questão: "As práticas adotadas de devolução de resultados pelo seu grupo de pesquisa são planejadas previamente?", a maior parte (59%) das(os) pesquisadoras(es) respondeu que "sempre" planeja as atividades de devolução, seguido de 32% "frequentemente" planeja, e 9% que "às vezes" faz planejamento de devolução. Quando questionadas(os) se "Com que frequência o seu grupo de pesquisa é requisitado pelos participantes a fazer a devolução dos resultados?" a maioria (38%) respondeu "às vezes" seguido de "raramente" (34%), "frequentemente" (16%), "sempre" (6%) e "nunca" (6%).

Algumas opções de tipos de devolução foram indicadas para que as(os) pesquisadoras(es) pudessem responder se as utilizavam e com que frequência adotavam cada prática. A Tabela 2 indica as práticas e as frequências de cada uma das formas sugeridas no questionário.

Tabela 2 – Frequências de tipo/s de prática/s de devolução de resultado de pesquisa

Tipo de prática	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre	Total
E-mail individual	51%	15%	22%	9%	3%	100%
E-mail coletivo	53%	9%	25%	10%	3%	100%
Por telefone	79%	15%	4%	2%	0%	100%
Redes sociais ou outra/o de forma individual	78%	9%	7%	4%	2%	100%
Redes sociais e outra/o de forma coletiva	72%	7%	10%	3%	8%	100%
Prática presencial individual	13%	27%	23%	28%	9%	100%
Prática presencial coletiva	15%	7%	22%	35%	21%	100%

Conforme pode ser visto na Tabela 2, as práticas presenciais coletivas e individuais parecem ser as mais utilizadas pelos pesquisadores. A devolução dos resultados por meio de prática coletiva obteve maiores porcentagens: frequentemente (35%) e sempre (21%) utilizada. Na sequência, a prática individual foi indicada como frequentemente e sempre utilizada, respectivamente, por 28% e 9%. Em contrapartida, as práticas menos utilizadas foram por telefone, obtendo 2% frequentemente e 0 sempre, seguida de redes sociais ou outra(o) de forma individual com 4% frequentemente e 2% sempre.

Após responderem de forma fechada sobre a frequência de cada tipo de prática, foi solicitado que os participantes descrevessem a prática de devolução de resultados mais utilizada pelo seu grupo de pesquisa. De forma geral, as descrições foram sucintas e, em alguns casos, apenas repetiram as opções da questão anterior, na qual se questionou a frequência dos tipos de práticas de devolução de resultados de pesquisa. Práticas como reuniões com serviços onde os dados foram coletados e com os próprios participantes, produção de relatórios coletivos ou individuais, palestras, seminários, rodas de conversa e cursos foram citadas. Algumas peculiaridades dessas práticas merecem atenção. Foi mencionado pelos pesquisadores que os relatórios foram desenvolvidos em linguagem acessível e com o

uso de figuras para facilitar o entendimento. Nas reuniões com crianças, por exemplo, se utilizou recursos como fotos, desenhos e vídeos. Embora de forma menos comum, alguns pesquisadores citaram a publicação de artigos e capítulos, bem como a participação em eventos científicos e até mesmo o envio do artigo publicado por e-mail. Outras descrições incluíram a divulgação dos resultados na mídia (e.g., entrevistas para jornais, rádios e televisão), bem como devolutivas que ocorriam logo após a coleta, de forma individual, após "avaliação" – possivelmente no contexto de uma pesquisa que envolvia avaliação psicológica.

Com o intuito de verificar se havia associação nas práticas de devolução por tempo de formação e por tempo de atuação como pesquisador(a) líder no Grupo de Pesquisas CNPq, o teste qui-quadrado foi realizado. O teste indicou não haver associação entre a frequência das práticas de devolução e o tempo de formação do(a) pesquisador(a) ($X^2=69,64$; $gl=81$; $p=0,81$) e nem por tempo de atuação como pesquisador(a) ($X^2=6,51$; $gl=9$; $p=0,67$).

O mesmo teste foi realizado para verificar a associação entre as práticas de devolução e tipo IES (públicas e privadas), quanto à forma de devolutiva realizada (presencial ou a distância) ($X^2=5,58$; $gl=2$; $p=0,06$), quanto à prática mais utilizada segundo categorias (envolve participantes da pesquisa, não envolve, outro tipo) (não

declarado; $X^2=1,68$; $gl=2$; $p=0,43$) e quanto ao planejamento das devoluções (às vezes, frequentemente, sempre) ($X^2=0,39$; $gl=2$; $p=0,82$) e frequência de práticas de devolução ($X^2=11,65$, $gl=12$, $p=0,47$). Nenhuma das comparações foi estatisticamente significativa.

Discussão

No intuito de identificar as práticas adotadas pelas(os) pesquisadoras(es) brasileiras(os) em psicologia para devolução dos resultados de pesquisa para os respectivos participantes, foi realizado estudo com líderes de grupos de pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq há, pelo menos, um ano. Embora tenham sido feitos contatos, por e-mail, com mais de mil pesquisadoras(es) e divulgações em redes sociais e o formulário de coleta de dados tendo ficado ativo um ano, apenas 68 pesquisadoras(es), que atenderam aos critérios de inclusão, responderam ao questionário. Não é possível afirmar o motivo para a baixa adesão à pesquisa. No entanto, é possível supor que, devido às várias demandas que pesquisadoras(es) brasileiras(es) possuem (e.g., aulas, reuniões, orientações), o tema da prática de devolução de resultados aos participantes de pesquisas ainda não seja prioritário.

Embora a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (2016), indique ser direito dos participantes o acesso aos resultados da pesquisa, o que se percebe, por meio dos resultados deste estudo, é que apenas 32% das(os) pesquisadoras(es) sempre realiza a devolução de resultados para participantes de suas pesquisas. Isso significa que a maioria desta amostra desconsidera a obrigatoriedade dessa prática, ainda que 43% tenha reportado realizá-la com frequência, mas não sempre.

De fato, pouco se sabe sobre as práticas de devolução de resultados de pesquisa em psicologia aos participantes. Publicações específicas sobre o assunto (e.g., Cassepp-Borges, 2009; Pessanha et al., 2013) são escassas. Tal escassez não parece ser exclusividade da psicologia, uma vez que em artigos científicos de outras áreas (e.g., antropologia, enfermagem e etnobotânica)

sobre o assunto, é recorrente a afirmação de que há pouca discussão sobre práticas de devolução de resultados de pesquisa aos participantes (Anjos et al., 2016; Knauth & Meinerz, 2015; Patzlaff & Peixoto, 2009). Sendo assim, este estudo contribui para tal lacuna, bem como chama atenção para a necessidade de se investigar e fomentar as práticas de devolução de resultados de pesquisa aos participantes. Este talvez seja o primeiro estudo nacional a buscar conhecer tais práticas relacionadas a pesquisas em psicologia. Na última década, o impacto social e econômico bem como o engajamento do público vêm sendo considerados como critérios para financiamento de pesquisas, em especial, na área da saúde, incluindo a psicologia (Graknek & Nakash, 2016). Esta mudança nas formas de avaliação de pesquisas para fomento pode modificar a prática dos pesquisadores quanto à devolução dos resultados bem como aumentar a validade de impacto de seus estudos (Hagger-Johnson et al., 2013).

Nos estudos, em diferentes áreas, as práticas de devolução de resultados de pesquisa aos participantes costumam ser descritas como "um assunto complexo" (Patzlaff & Peixoto, 2009, p. 237), "uma etapa tensa do processo de pesquisa" (Knauth & Meinerz, 2015, p. 2665), um "compromisso do pesquisador" (Anjos et al., 2016, p. 109) e "uma maneira de aproximação" (Cassepp-Borges, 2009, p. 149) com os participantes. Há discussões sobre o planejamento de tais práticas e para quem elas devem ser realizadas (Massey & Barreras, 2013). Impreterivelmente, os sujeitos diretamente implicados na pesquisa devem receber seus resultados. Isso não impede que outros públicos não sejam acessados visando ampliar o impacto do estudo. Sendo assim, os resultados podem ser compartilhados com gestores, serviços e seus profissionais, bem como na mídia (Hagger-Johnson et al., 2013; Knauth & Meinerz, 2015). Deve haver algum planejamento prévio acerca da devolução dos resultados, no projeto de pesquisa, mas que deve haver flexibilidade de acordo com as demandas que podem surgir no contato com os participantes (Patzlaff & Peixoto, 2009).

No presente estudo, observou-se que a maioria (59%) dos(as) pesquisadores(as) respondentes sempre planeja as atividades de devolução. Tal resultado pode indicar que, embora haja um planejamento, algo acontece que acaba por impedir a devolução de resultados já que apenas 32% dos(as) pesquisadores(as) responderam que "sempre" a realizam. Em estudos prévios, algumas dificuldades para a realização da devolução foram indicadas: necessidade de envolvimento emocional após concluídas as etapas de coleta e análise de dados, falta de interesse de gestores e de profissionais nos resultados, falta de formação dos pesquisadores para adaptar os resultados à linguagem da população (Knauth & Meinerz, 2015) e falta de espaços adequados para a realização de palestras (Anjos et al., 2016). Acrescenta-se a isso, o atual cenário de exigência por uma produtividade excessiva das(os) pesquisadoras(es), que podem acabar não considerando o planejamento e a realização da devolução dos resultados como prioritário.

A não realização de práticas de devolução pode estar relacionada, ainda, ao baixo interesse dos participantes de pesquisas. De acordo com o reportado pelos(as) pesquisadores(as) participantes deste estudo, a maioria (78%) "às vezes", "raramente" ou "nunca" é requisitado pelos participantes das pesquisas a compartilharem seus resultados. No entanto, é necessário lembrar que a devolução dos resultados de pesquisa aos participantes é um direito deles e um dever ético dos pesquisadores conforme consta na Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (2016). É possível que muitos participantes de pesquisa desconheçam seu direito de acesso aos resultados. Sendo assim, cabe aos pesquisadores esclarecer a respeito de tal direito. Isso poderia ser feito no processo de consentimento livre e esclarecido, indicando, inclusive, a forma que se pretende divulgar os resultados visando verificar junto à(o) participante se a forma planejada parece adequada à população-alvo. Nesse cenário, caberia aos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) cobrar que os pesquisadores, em seus projetos, indicassem a forma planejada para a devolução

dos resultados, bem como que esclarecessem os participantes sobre seu direito de acesso aos resultados.

Quanto aos tipos de devolução, ficou evidente que as práticas presenciais coletivas e individuais foram as mais utilizadas. Quando solicitados(as) a descrever as práticas mais utilizadas pelos seus grupos de pesquisa, muitos(as) pesquisadores(as) apenas repetiram as informações da questão anterior. Além disso, as descrições foram, em sua maioria, breves e genéricas. Os(as) pesquisadores(as) indicaram reuniões, produção de relatórios, palestras, seminários, rodas de conversa e cursos como práticas de devolução. Estes resultados estão em consonância com práticas de devolução de pesquisa relatadas em estudos de áreas como antropologia (Knauth & Meinerz, 2015), enfermagem (Anjos et al., 2016), etnobotânica (Patzlaff & Peixoto, 2009) e na própria psicologia (Cassepp-Borges, 2009; Pessanha & Rotenberg, 2013).

Práticas como palestras, seminários, rodas de conversa e cursos tanto para os participantes da pesquisa quanto para instituições e serviços nos quais os dados foram coletados podem contribuir para a transferência do conhecimento gerado na academia para setores da sociedade que dele necessitem. A importância dessa transferência é tamanha que em consonância com outras instituições de fomento internacionais, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) utiliza um quesito chamado inserção social na avaliação dos programas de pós-graduação do País. Tal quesito avalia "(a) um conjunto de realizações de impacto social para além da produção de conhecimento e formação de pesquisadores, porém (b) fortemente articuladas ao sistema de produção de conhecimento, de modo que não representem meramente atividades de extensão" (CAPES, 2013, p. 20). Espera-se que as pesquisas desenvolvidas gerem impacto "na sociedade como um todo, em especial sob a forma de transferência do conhecimento novo para setores sociais que dele necessitam para lidar com questões socialmente relevantes" (CAPES, 2013, p. 21). Percebe-se, portanto, que as

práticas de devolução de resultados descritas pelos(as) pesquisadores(as) participantes têm potencial de contribuir para essa transferência de conhecimento. Além disso, contribuem para que os resultados e suas interpretações sejam discutidos com os participantes e, assim, possam ser mais bem compreendidos e, quando necessário, realizada uma revisão das conclusões da pesquisa (Anjos et al., 2016), aumentando a validade de impacto (Massey & Barreras, 2013).

Práticas com uso de e-mail e redes sociais receberam as menores frequências para "sempre". Embora o envio de e-mail seja uma alternativa para a devolução de resultados de pesquisa (Cassepp-Borges, 2009), tal prática limita a discussão dos resultados com os participantes (Pessanha & Rotenberg, 2013) e, por isso, pode ser menos utilizada pelos pesquisadores neste caso. O mesmo pode ocorrer em relação às redes sociais. O uso não frequente de redes sociais também pode ser explicado pela limitação de discussão com os participantes, embora possa estar atrelado, ainda, à recenticidade deste meio de divulgação dos resultados e à possibilidade de ser visto com menos credibilidade. Atualmente, publicações em redes sociais têm sido questionadas devido ao advento das chamadas fake news. Diante disso, pesquisadores podem acabar evitando tal meio de divulgação. Ainda, não são todos(as) os(as) participantes das pesquisas que possuem acesso à internet de tal forma que possam receber a devolução. Assim, sendo um direito o acesso à devolução, é importante que o(a) pesquisador(a) verifique esse aspecto com os(as) participantes.

Chama atenção, na descrição das práticas mais utilizadas pelos grupos de pesquisa, a publicação de artigos e capítulos, bem como a participação em eventos científicos e, até mesmo, o envio de artigos científicos aos participantes da pesquisa como forma de devolução dos resultados. Sabe-se que a área acadêmica tem sua própria linguagem e que ela deve ser adaptada para o público em geral. Diante disso, questiona-se se as publicações científicas podem ser consideradas como práticas de devolução de resultados aos participantes, uma vez que muitos deles

não terão acesso a estes materiais. Mesmo que tenham, como nos casos em que o artigo é enviado ao(à) participante, será que a estrutura do texto científico, seu conteúdo e abordagem, interessam ao público leigo?

A falta de formação de muitos pesquisadores para adaptar o formato e a linguagem do conhecimento produzido para que seja consumido pelos participantes da pesquisa e pela população em geral pode dificultar as práticas de devolução (Knauth & Meinerz, 2015). Diante disso, alguns pesquisadores podem depositar na publicação do seu estudo a solução para a devolução dos resultados. No entanto, "acreditar que a publicação acadêmica resolve o problema é fugir desta responsabilidade para com os sujeitos pesquisados" (Knauth & Meinerz, 2015, p. 2665).

Quanto à análise de relação entre práticas de devolução (planejamento, frequência), tempo de formação e de atuação como pesquisador(a), não foram encontradas associações estatisticamente significativas. Quanto a diferenças de grupo entre pesquisadores de IES públicas e privadas quanto à forma de devolutiva realizada (presencial ou a distância), também não foi encontrada diferença estatisticamente significativa. Embora as não diferenças possam advir do pequeno tamanho amostral, pode ser que, independentemente de tempo, formação, atuação, IES, os(as) pesquisadores(as), de maneira geral, ainda não adquiriram a cultura da devolução de dados de forma que sempre o façam e que façam de maneira acessível aos participantes.

Considerações finais

Este estudo se soma aos já existentes na psicologia nacional (Cassepp-Borges, 2009; Pessanha et al., 2013) e em áreas como antropologia (Knauth & Meinerz, 2015), enfermagem (Anjos et al., 2016) e etnobotânica (Patzlaff & Peixoto, 2009) a respeito das práticas de devolução de resultados de pesquisa aos participantes. Os resultados aqui apresentados indicam a necessidade de se fomentar o debate acerca de tais práticas em nosso País. O número de participantes do estudo foi baixo, mesmo diante do uso de diferentes

formas de recrutamento de participantes, bem como a descrição das práticas, que foi breve, não permitindo análises mais aprofundadas. O número baixo de participantes acabou inviabilizando certas análises, além de possivelmente ter enviesado os resultados acerca da possível associação entre as variáveis investigadas. Sendo assim, os resultados estatísticos apresentados devem ser utilizados com cautela. Estudos futuros com maior número de participantes podem elucidar se realmente não há associação entre as variáveis investigadas ou se o baixo número de participantes realmente comprometeu as análises.

Este estudo fornece um panorama inicial sobre as práticas de devolução de resultados de pesquisa em psicologia no País. Tal panorama indica que, embora a maioria dos pesquisadores participantes sempre planeje a devolução dos resultados, sua realização nem sempre ocorre. As práticas presenciais coletivas e individuais (e.g., palestras, seminários, rodas de conversa, cursos) são as mais utilizadas. Chama especial atenção o uso de publicações científicas como uma forma de devolução dos resultados.

É necessário que se discutam as práticas de devolução de resultados de pesquisa. É direito dos participantes ter acesso aos resultados (Brasil, 2016), bem como deve-se evitar o "caráter utilitarista" das pesquisas (Lordello & Oliveira, 2012, p. 268). Ao se compartilhar os resultados da pesquisa com quem nela foi implicado(a), além de cumprir com dever ético, os pesquisadores podem motivar os participantes a continuar colaborando com o desenvolvimento de pesquisas futuras (Anjos et al., 2016). Comitês de Ética em Pesquisa deveriam solicitar aos pesquisadores o planejamento da etapa de devolução de resultados de pesquisa, bem como editores de revistas científicas incentivar autores a incluir a descrição de tal etapa na seção de procedimentos do manuscrito.

A partir da maior discussão de práticas de devolução de resultados de pesquisa novas investigações podem ser propostas. Relatos de experiência sobre tais práticas podem ser es-

critos e publicados. Além disso, estudos futuros podem avaliar tais práticas, buscando verificar o que funciona e o que não funciona, auxiliando demais pesquisadores no planejamento e execução desta etapa da pesquisa. Cabe a todos os pesquisadores o desafio de planejar, adaptar e executar devoluções de resultados de pesquisa que sejam adequadas à população-alvo e relevantes socialmente. É preciso que o conhecimento científico rompa as barreiras da academia e seja compartilhado nos ambientes que o ajudaram a ser produzido e com quem pode se beneficiar dele.

Referências

- Anjos, K. F. dos, Boery, R. N. S. de O., Santos, V. C., & Boery, E. N. (2016). Devolutiva dos resultados de pesquisa desenvolvida com cuidadores familiares de idosos dependentes. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*, 13(23), 99-111. <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2016v13n23p99>
- Cassepp-Borges, V. (2009). Devolução de dados por correio eletrônico: Uma alternativa para pesquisas quantitativas. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 149-152. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v8n1/v8n1a15.pdf>
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução 510/2016. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2013). Relatório de avaliação 2010-2012 – Trienal 2013. <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=Y2FwZXMuZ292LmJyFHRYaWVuYWwt-MjAxM3xneDozYmEwNjgwYTJmMjE1Y2Y1>
- Creswell, J. W. (2010). Seleção de um projeto de pesquisa. In Creswell, J. W., *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3. ed., pp. 25-47). Artmed.
- Cross, D., Thomson, S., & Sinclair, A. (2017). *Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics*. Clarivate Analytics.
- Granek, L., & Nakash, O. (2016). The impact of qualitative research on the "real world": Knowledge translation as education, policy, clinical training, and clinical practice. *Journal of Humanistic Psychology*, 56(4), 414-435. <https://doi.org/10.1177/0022167815574623>
- Hagger-Johnson, G., Hegarty, P., Barker, M., & Richards, C. (2013). Public engagement, knowledge transfer, and impact validity. *Journal of Social Issues*, 69(4), 664-683. <https://doi.org/10.1111/josi.12035>
- Hicks, D., Wouters, P., Waltman, L., De Rijcke, S., & Rafols, I. (2015). The Leiden Manifesto for research metrics. *Nature*, 520(7548), 429-431. <https://doi.org/10.1038/520429a>

Hohendorff, J. V., Postay, A. T., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2017). Parceria com a rede de atendimento no estudo da violência sexual infantil. *Revista da SPAGESP*, 18(2), 143-156. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v18n2/v18n2a12.pdf>

Knauth, D. R., & Meinerz, N. E. (2015). Reflexões acerca da devolução dos dados na pesquisa antropológica sobre saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20, 2659-2666. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015209.04672015>

Lordello, S. R., & Oliveira, M. C. S. L. (2012). Contribuições conceituais e metodológicas do modelo bioecológico para a compreensão do abuso sexual intrafamiliar. *Psico*, 43(2), 260-269. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11703>

Massey, S. G., & Barreras, R. E. (2013). Introducing "Impact Validity." *Journal of Social Issues*, 69(4), 615-632. <https://doi.org/10.1111/josi.12032>

Patzlaff, R. G., & Peixoto, A. L. (2009). A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: Um assunto complexo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 16(1), 237-246. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000100014>

Pessanha, J., da Silva, C. O., & Rotenberg, L. (2013). Uma experiência de restituição de resultados em saúde do trabalhador. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 3(1), 32-44. <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1124/817>

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. *Temáticas*, 22(4), 203-220. https://pdfs.semanticscholar.org/cd8e/3ecb215bf9ea6468624149a343f8a1fa8456.pdf?_ga=2.73445466.913058980.1586440468-78208785.1586440468

Jean Von Hohendorff

Doutor e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professor da Faculdade Meridional (IMED), em Passo Fundo, RS, Brasil.

Naiana Dapieve Patias

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil.

Icaro Bonamigo Gaspodini

Doutor e mestre em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, RS, Brasil. Professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em Rio Grande, RS, Brasil.

Lisiane Bizarro

Doutora em Psicologia pelo Institute of Psychiatry King's College London, em Londres, Reino Unido; mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil e Pesquisadora CNPq 308629/2019-1.

Endereço para correspondência

Jean Von Hohendorff
Faculdade Meridional (IMED)
PPG Psicologia
Rua General Prestes Guimarães, 304
Vila Rodrigues, 99070-220
Passo Fundo, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.